

UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA
CENTRO DE ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA - CEOM
PEC – ÁGUAS DE CHAPECÓ

ENTREVISTADA: *OMILDA IOLY PINHEIRO*

ENDEREÇO: *Bairro Novo Horizonte, Águas de Chapecó/SC*

DATA: *15/12/1999*

ENTREVISTADORES: *LUCILA E NOELI*

ASSUNTO:

NOMENCLATURA – *O.I.P. – OMILDA IOLY PINHEIRO*

L.N. – LUCILA E NOELI

Vamo vê agora.

Estamos aqui conversando na casa da Dona Omilda, no Bairro Novo Horizonte, conversando com ela para registrar sua memória a respeito do história de Águas de Chapecó. _____

Esta entrevista está sendo realizada no dia 15 de dezembro de 1999.

01 – L.N. – Perguntando então a entrevistada: qual o seu nome completo?

O.I.P - Omilda Ioli, Omilda Ioli.

02 – L.N. – A, a, sua idade?

O.I.P - 69 ano.

03 - L.N. – Nº de filhos?

O.I.P - 8 filhos

04 – L.N. – A origem?

O.I.P - Italiano

05 – L.N. – Profissão?

O.I.P - Agricultora

06 – L.N. – A onde a senhora nasceu, Dona Omilda?

O.I.P - Itajubí – São Paulo.

07 – L.N. – Ahã. São Paulo. Dona Omilda, porque a senhora veio prá cá?

O.I.P - Ah, junto com meus pais, eu era muito nenê, me trouxeram do Rio Grande, Getúlio Vargas, Rio Grande do Sul e depois viemo prá cá, Santa Catarina.

08 – L.N. – Segura bem acho que fica mais fácil. Em que época sua família veio prá cá, Dona Omilda?

O.I.P - 1930.

09 – L.N. – E como que vieram prá cá? Como foi a vinda prá cá?

O.I.P - Vieram de trem.

10 – L.N. – Ahã. E a senhora era pequeninha?

O.I.P - Nenezinha. 2 meses.

11 – L.N. – E quando chegaram aqui, Dona Osmilda, Omilda, como é que era aqui essa região, chegaram vieram direto para Santa Catarina, aqui nesse local ou em outro?

O.I.P - Aqui nesse local.

12 – L.N. – Em Águas de Chapecó?

O.I.P - É. Só a minha família. Os meus pais ficaram no rio Grande.

13 – L.N. – E como é que aqui, a questão das lavouras, já, já, já tinha algumas lavouras ou foram os primeiros habitantes daqui?

O.I.P - Ah, já tinha muitos habitantes né, a gente chegou já trabalhando na lavoura.

14 – L.N. – Já deu prá plantá, já estavam fazendo roças e coisa?

O.I.P - Sim.

15 – L.N. – E como é que eram as terras aqui assim quanto ao plantio assim eram produtivas ou tinha que colocá alguma espécie de adubo, como é que era?

O.I.P - Ah, naquela época não se colocava adubo, as terra...

16 – L.N. – Era produtivas, eram boas.

O.I.P - É, é, boa né. A gente colhia sem adubo, e rendia né.

17 – L.N. – E o que que era plantado, quais eram os tipos de plantaço que era feito?

O.I.P - milho, feijão, soja, o trigo, também a gente plantô, nós nunca plantamo fumo, mas era época de fumo também.

(INTERRUPÇÃO NA FITA)

18 – L.N. – E como era assim, o dia-a-dia na agricultura como é que era. A senhora trabalhava na roça também? Como é que era assim a questão da família no trabalho na agricultura?

O.I.P - Ah, os mais velho iam junto com a gente na roça, e ficavam os menor, um mais velho cuidava os pequeno e era todo dia né. dia-a-dia na roça né.

19 – L.N. – As criança então não iam prá roça?

O.I.P - Ah, os bem pequeno não né. Depois que conseguiam pegá o cabo da enxada ia também.

20 – L.N. – E a senhora, dona Osmilda, sempre acompanhava assim, na roça ou, e voltava prá casa e fazia o serviço da casa também?

O.I.P - Sim! A gente vinha as onze e meia, fazia o almoço na hora do meio dia, depois do almoço lavava a ropa e daí prá roça de novo. Daí de tarde a gente voltava cansado, com pasto, lenha, tirava leite, tratá o porco, depois que a gente ia tomá banho e fazê a janta.

21 – L.N. – E as criança?

O.I.P - E as criança esperavam pobrezinhos.

22 – L.N. – Chorando às vez?

O.I.P - Muitas vezes eu não sabia se atendia o mais pequeninho, dá mamá, ou dava um pão prun outro, daí era aquela apuração sempre.

23 – L.N. – E os produtos que eram colhidos na roça, dona Omilda, eram vendidos prá quem? Já tinha comerciante aqui ou eram vendidos prá fora, como é que era?

O.I.P - Nós vendia pro Domingo Zanela e Onório Zen.

24 – L.N. – Eles já eram comerciante aqui?

O.I.P - Sim. _____

25 – L.N. – E o tipo de prod, a gente já conversô sobre isso, então milho, feijão, isso era prá vendê?

O.I.P – Sim, era prá vendê.

26 – L.N. – E prá outras culturas assim, era plantado mandioca, essas coisa sempre...

O.I.P - É, batata, mandioca, arroz, só que não vendia arroz, colhia pro gasto.

27 – L.N. – Tinha hortinha também?

O.I.P - Ah, tinha horta. Verdura assim, pro gasto a gente sempre colheu.

28 – L.N. – Vaca de leite?

O.I.P - Vaca de leite, porco, galinha, a gente sempre teve.

29 – L.N. – E de, o comércio era feito, tinha pocas pessoas ou já tinha muitos comerciantes, Onório Zeni, a senhora já falô, Domingos Zanela, tinha mais alguns?

O.I.P - Naquela época não.

30 – L.N. – Mais ou menos assim, que época era essa que a senhora tá colocando prá nós? Em que ano isso mais ou menos?

O.I.P - Óia, nós viemo aqui... ah, 40, 50 ano que nós viemo aqui.

31 – L.N. – 45, 50 anos atrás.

O.I.P - 47 ano.

32 – L.N. – 47. Ahã.

Inaudível

33 – L.N. – E no caso assim, também tinha produtos que faltava, que nem produto que se produzia, o comércio aqui já tinha prá vender?

O.I.P - Sim. A gente comprava lá na loja deles.

34 – L.N. – Já tinha comércio.

O.I.P - Tinha é.

35 – L.N. – E o que não tinha alí, vovó, como é que vocês faziam, por exemplo, querosene prá acendê os lampião...

O.I.P - Daí em São Carlos.

36 – L.N. – São Carlos.

O.I.P - São Carlos.

37 – L.N. – São Carlos, o comércio acho que já era mais desenvolvido?

O.I.P - É. Essas coisa era difícil encontrá nos mercado aqui. Era difícil moinho quando não tinha farinha aqui a gente ia em São Carlos. Levava arroz prá descascá em São Carlos. Só tudo na garupera, nas costa.

38 – L.N. – Não tinha ainda cavalo?

O.I.P - Nós não tinha não.

39 – L.N. – E assim, a questão de ropa, tinha alguma loja de compra de ropa? Como é que era comprada a ropa. Era ropa feita, era em peça, como é que era?

O.I.P - Era em metro, era em peça né. Ropa até tinha né, mas era difícil.

40 – L.N. – Quem é que costurava?

O.I.P - Aqueles tempo a gente arrumava uma costureira e eu costurava na mão. Não tinha máquina.

41 – L.N. – Fazia ropa prá criança.

O.I.P - Costurava na mão.

42 – L.N. – Isso que ia na roça, fazia o serviço em casa e costurava. E quando que a senhora fazia as ropa prá criança?

O.I.P - Dia de chuva, de noite, um pouco, até que dava prá aguentá o sono tinha que aproveitá a época boa na roça.

43 – L.N. – Sem atrapalhá o serviço na roça então. Naquela época como é que era a iluminação, tinha, não tinha energia elétrica, né. Como é que era feito então, com lampião?

O.I.P - Com lampião de querosene.

44 – L.N. – E os alimentos vó, quando carneava um porco, por exemplo, como é que era guardado as comidas assim, as carnes?

O.I.P - Uma parte das carnes era feito salame e o que sobrava assim, a gente fritava na banha e deixava frita na lata junto com a banha.

45 – L.N. – E depois esquentava... fritava a banha e a carne...

O.I.P - É isso aí, não se perdia nada.

46 – L.N. – Era bem conservado. E as casas eram feitas de madeira na época, como que eram feitas as construções, como é que era a primeira casa quando vocês vieram morá para cá?

O.I.P - Nós tinha aqui era uma casa de 4,5 acho por...

47 – L.N. – Já de madeira?

O.I.P - de madeira.

48 – L.N. – E a madeira, veio de onde, foi comprado aqui nas serrarias ou...

O.I.P - É. Foi comprado por aí, tinha como é... acho que foi comprado por ai. Não lembro.

49 – L.N. – E a cobertura da casa, já era de telha ou era de taboinha na época?

O.I.P - Sim. De telha, de telha.

50 - L.N. – Mas ainda tinha umas casinha de taboínha, né?

O.I.P - Sim. Mas aqui era de telha.

51 – L.N. – Naquela época, como é que eram os rios? Por exemplo, aqui tem o riacho Itacurumbá, como é que era esse riacho? O rio Chapecó? Que já tinha né ..

O.I.P - Sim.

52 – L.N. – O cruzamento para São Carlos, tinha o comércio, tudo, tinha balsa, então prá é prá lá só de balsa?

O.I.P - Só a balsa ou de caíco né.

53 – L.N. – Então quando o rio tava cheio daí não tinha é prá lá?

O.I.P - Não tinha. É, só de lancha se fosse mais, daí só de lancha né.

54 – L.N. – Ahã. E esse emergência que a senhora fala seria no caso o hospital? Já tinha hospital em São Carlos?

O.I.P - Já tinha, lá em baxo né.

55 – L.N. – E qual era os médico que atendiam daí?

O.I.P - Ah, era do _____ morreu a poco tempo né. Naquela época era ele.

56 – L.N. – O hospital ah, ficava atrás do sindicato agora?

O.I.P - Isso. É.

57 – L.N. – E internavam? Internavam lá?

O.I.P - Sim. Sim. Internavam.

58 – L.N. – E o colégio de freiras também funcionava em São Carlos, né?

O.I.P - Funcionava. Tinha as duas mais velha estudavam lá, até a

59 – L.N. – As duas filhas?

O.I.P - É.

60 – L.N. – As duas filhas mais velhas?

O.I.P - É. Estudaram até _____ até o 3º ano. Depois nós viemo aqui era mais perto vim aqui.

61 – L.N. – Como é que era o nome dessas suas duas filhas?

O.I.P - Ah, é Elsa e a Lurdes.

62 – L.N. – A Lurdes do Vanildo?

O.I.P - É _____. Nós viemo morá aqui em julho ai não peguemo transferência elas tiveram que é a pé daqui muito cedo de a pé, as vez com chuva prá não faltá aula e tinha que í igual né.

63 – L.N. – E elas passavam de barca daí?

O.I.P - Sim.

(INAUDÍVEL)

64 – L.N. – E, assim, dona Omilda, a questão dos , como era assim, a água dos rios, é como agora, ou era diferente, dava enchente naquela época?

O.I.P - Dava aqui, dava enchente, má nem tanto, de alagá muito né, o riozinho era mais fundo, então a água não se espalhava tanto, não tinha tanta sugera no rio. E e a água era limpa né. Tinha pocos morador prá cima, dava peixe, bastante, boa água.

(SILENCIO)

65 – L.N. – E, então se instalaram aqui onde vocês residem hoje, no primeiro momento, quando chegaram aqui?

O.I.P - Nois moramo aqui em cima, aonde vai pro gramado, na chácara, daí dali nós fomo morá perto do perto, alí na barca pro lado de lá. Alí ele trabalhô uns ano assim, ajudante na barca, aí viemo aqui assim.

66 – L.N. – Quando a senhora chegô aqui já tinha alguma coisa na comunidade? O bairro aqui já tinha um envolvimento comunitário aqui, ou pertencia tudo a Águas, no centro?

O.I.P - Tudo no centro.

67 – L.N. – Igreja, escola, também?

O.I.P - É tudo. Lá embaxo aqui não tinha nada.

68 – L.N. – Não tinha nem um morador aqui?

O.I.P - Tinha a finada _____, o _____ - que morava alí, aí pra cima acho que tinha dois, três morador que morava alí, um longe do outro né, muito poco né.

69 – L.N. – Í na comunidade então, aqui no centro, como é que era assim, as diversões? Existia algum tipo de diversão pro homem, a mulher, era a mesma diversão, ou tinha algum outro grupo. Como é que se formava assim. Como é que se divertiam nos finais de semana?

O.I.P - Ah, é o jogo de futebol igual, outro jogo não tinha assim.

70 – L.N. – Não jogavam baralho?

O.I.P - É, baralho eles tudo homem jogava baralho né.

71 – L.N. – Qual era o jogo, a senhora lembra? Qual o jogo que eles gostavam?

O.I.P - Acho que era o tal de 3/7 eu não entendo, muito de jogo mas acho que era o tal de 3/7. Mora, tal de...

72 – L.N. – e o jogo de bingo?

O.I.P - Não existia.

73 – L.N. – Não existia.

O.I.P - Que eu me lembro não.

74 – L.N. – Porque a minha mãe sempre fala no jogo de bingo. Ahã. E a questão das missa assim como é que eram as missa. Os padre de São Carlos?

O.I.P - Vinham de São Carlos.

75 – L.N. – São Carlos. E as m... Quanto eram os padres na época? A senhora lembra do nome dos padres?

O.I.P - Lembro do Zé, aquele como é o sobrenome dele, Hunzer, deve ser né. São tantos padre a gente não se lembra.

76 – L.N. – O Henrique também foi um dos padre na época né?

O.I.P - É. _____

77 – L.N. – Tinha ministros também?

O.I.P - Naquela época acho que não. Só o padre vinha.

78 – L.N. – Se rezava o terço?

O.I.P - Se rezava o terço né.

79 – L.N. – Daí qualquer pessoa rezava, puxava o terço?

O.I.P - É. Naquela época que viemo aqui não tinha que eu me lembro.

80 – L.N. – É tinha alguma festa na comunidade? Assim típica que todo ano saía, como era?

O.I.P - É tinha festa, padroera né. Tinha festa de igreja assim.

81 – L.N. – Já existia.

O.I.P - Existia.

82 – L.N. – Como é que era organizado, era que nem hoje assim? Ou era diferente a organização das festa?

O.I.P - Era um poco diferente também porque não tinha todo o conforto que tem hoje né. Era um baraco ali onde assavam a carne n... era um poco diferente por causa da...

83 - L.N. – E as doações, as pessoas doavam coisas também para a festa? Bolos, doces?.

O.I.P - Sim. Doavam. É ali, ah, leitão...

84 – L.N. – Como é que eles chamavam? Prenda?

O.I.P - prenda.

85 – L.N. – A prenda prá igreja?

O.I.P - Prá igreja é.

86 – L.N. – Ahã.

O.I.P - Tem algum dava boizinho né. Sempre tinha doação. Tinha.

87 – L.N. – Sobremesa acho que naquela época...

O.I.P - É.

88 – L.N. – Eu lembro que tinha sagú nas festa.

O.I.P - É. Pudim.

89 – L.N. – E a questão das música. Tinha musica também? As dança ou era festa sem música?

O.I.P - Tinha as dança, tinha música. De tarde tinha música. Só que eu poco participava, sempre envolvido com criançada pequena sabe né, os mais velho.

90 – L.N. – E a música era gaita e violão?

O.I.P - Deve ser. Eu não lembro bem isso. Passa ano e a gente esquece.

91 – L.N. – Ahã. Esquece. A questão da igreja então, católica né?

O.I.P - Católica.

92 – L.N. – Então voltando um poco agora o trabalho, ah, na sua família assim, agricultores, né, a senhora seu marido, como é que era o nome do seu esposo?

O.I.P - Antônio Nere de Oliveira

93 – L.N. – Os seus filhos continuaram trabalhando na agricultura ou aos poucos foram arrumando outro serviço?

O.I.P - Aos poco foram arrumando outro serviço né. Que nem os dois mais véio começaram a trabalhá de pedrero. Né e daí o Celso e o Ari foram trabalhá no frigorífico, e Soeli e aos pocos foram deixando a roça daí.

94 – L.N. – E eles moram tudo... tem a Sueli que mora perto da senhora...

O.I.P - É. A Soeli, o Celso, o Ari, a Beloni e a Lurde. A, a finada Elsa tava morando Mato Grosso, faleceu lá e a Ildaci mora em Chapecó.

95 – L.N. – Acho que é mais ou menos isso. Ah, não. Acho que vou vê essa questão também. Han, a senhora falô que quando ficavam doente tinham que í no hospital em São Carlos. E quando não precisava é assim no hospital, quando que a doença não era tão grave, como que era feito o tratamento em casa?

O.I.P - A era feito de remédios caseros né. Não ia no médico.

96 – L.N. – Chá?

O.I.P - É. Chá.

97 – L.N. – Qual era o chá que mais se usava naquela época?

O.I.P - Ah, era a cidrera, a macanília...

98 – L.N. – A cidrera era febre?

O.I.P - Febre essas coisas. A macanilia das vez prá dor de barriga.

99 – L.N. – A marcela...

O.I.P - A marcela também era usada, no caso chá de cinza, não sei se vocês viram falá?

100 – L.N. – Prá que o chá de cinza?

O.I.P - Prá uma congestão.

101 – L.N. – Como é que fazia assim?

O.I.P - Colocava uma pontinha de colher de cinza na xícara, despejava água quente, aí dexava até que aquelas pó assim ficava no fundo da xícara aí tomava uns gole com um poquinho de sal.

102 – L.N. – Com sal! Tem gente ainda que faz o chá de cinza. Prá mim é novidade.

O.I.P - Sim. Prá uma congestão não tem coisa melhor.

103 – L.N. – Olha só! E na época assim, as mulheres grávidas né, geralmente não iam prá tê os neném no hospital. Como é que era assim, tinha as partera?

O.I.P - Tinha as partera né.

104 – L.N. – Como é que foi os seus bebê quando nasceram dona Omilda?

O.I.P - As duas mais velhas foi a finada _____ que me atendeu. Daí o Ari foi a finada Angela Poletto que me atendeu. Conheceu ela? Ela foi a partera do ____ a finada Orentina Hermes, a , a..., a Luneli, como é que é o nome dela, Angela, não...

105 – L.N. – Pegoraro. Um cabelo bem _____

O.I.P - É, ela foi minha partera também. Foi todos assim. Partera, em casa né.

106 – L.N. – Aham. E como é que era o parto era feito assim. A vó sofria muito?

O.I.P - Depende, tinha parto que a gente sofria bastante. A gente trabalhava muito na roça também, pegava muito sol, e tudo aquilo castigava.

107 – L.N. – Trabalhava até os último dias né?

O.I.P - É. Até os último dia. Lavava ropa de joelho lá no rio né. Naquele tempo não existia tanque. É, então só no joelho. Sacrificô as mulher grávida. Mas graças a Deus tive tudo eles. É, no em casa, com saúde.

108 – L.N. – Vovó, e assim quando eles nasciam na época, as criança tinha que se bem enroladinha. E assim os filho da senhora também?

O.I.P - Era dado banho, dado banho daí enrolava a faxinha no ímbigo e bem enfaixado uma faixa mais grande bem enroladinha prá, de medo que a gente machucasse no pegá.

109 – L.N. – Até que idade eles ficavam assim enfaxadinho?

O.I.P - Até, 5, 6 meses.

110 – L.N. – E no verão quando era quente?

O.I.P - Ah, ficavam também né'. Alí tinha 1 mês era enfaixado. Prá dormi só né. Mas não dormia quando não era enfaxado.

111 – L.N. – Acostumado (ri)

(SILÊNCIO)

112 – L.N. – Dona Omilda, assim, com relação ao que a gente falô da iluminação, das faxinha, a senhora tem ainda algum objeto, alguma coisa antiga guardado? Questão de iluminação, os lampião antigo, ou até mesmo as faxinha dos bebê?

O.I.P - A faxinha a gente já foi dando pros outro bebê, pros outro.

113 – L.N. – Ou alguma foto antiga...

O.I.P - Não lembro. Deve tê.

114 - L.N. – Eu vi o ferro de passá da vovó né?

O.I.P - É. _____

(INTERRUPÇÃO DA FITA)

115 – L.N. – Olha lampiaozinho que botava querosene dentro. Esse era lampião.

O.I.P - É. Tinha otros também né. Mais diferente. Só tenho esse guardado.

116 – L.N. – Até vou anotá isso.

(SILÊNCIO)

117 – L.N. – E o ferro vovó, era muito usado o ferro a brasa?

O.I.P - Sim, era usado era o único que tinha. A gente enchia de brasa e quando esquentava passava a ropa.

118 – L.N. – Pesava no braço?

O.I.P - Sim.

119 – L.N. – A senhora teria mais alguma coisa prá contá prá nós, de como era, de como se passou, algum caso, de algum fato que a senhora lembra?

O.I.P - A gente esquece. Eu ando tão esquecida. Ainda hoje eu disse prá nora, eu ando tão esquecida.

120 – L.N. – Faz tanto tempo já, as coisa vão passando.

121- L.N. - Então seria mais ou menos isso, né. De repente dona Omilda, a gente tem mais alguma coisa prá vir conversar com a senhora a gente vem de novo.

O.I.P - Certo, Certo.

122 – L.N. – Aham. Então tá. Desliga.